

FESTIVAL: A ESTRANHA FUSÃO DE AYSHA.

Atriz americana, Aysha Quinn trocou suas performances solitárias pelo vídeo em 1972. E sete de seus trabalhos estão na mostra do VI Videobrasil.

A atriz americana Aysha Quinn substituiu as performances solitárias pelo vídeo em 1972. Sete dos seus trabalhos, incluídos na mostra competitiva do VI Videobrasil, que começou ontem com 35 dos 174 vídeos concorrentes, apresentam um pouco dessa estranha fusão. São eles **The Prom** (1987), **Nomads** (1986), **Excerpts** (1983), **The Meeting** (1982), **The Mutant** (1983), **Fifth Chamber Information** (1980), **Why Would I Throw Eggs At You, Liz?** (1977).

— Vídeo é informação eletrônica, instantânea, como telefone ou telex. Não é como o filme, um produtor de ilusões através do movimento. O que me fez escolher este meio, em 72, foi a possibilidade de ter o controle total sobre meu trabalho. Podia construir as imagens, congelar cada uma delas e pensar sobre isso.

Excluída de seu círculo de amizades depois da escolha — "artistas plásticos e atores diziam que TV não era arte" —, Aysha encontrou o parceiro John Sturgeon apenas em 1976. Poeta e professor, Sturgeon elabora com a videomaker os trabalhos. A maioria deles obedece aos instintos de Aysha. "Tenho uma idéia geral, desenvolvida durante a elaboração do trabalho. Apenas **Why Would I Throw Eggs At You, Liz?**, bem antigo, tem script definido.

Nomads é uma performance dos partners Aysha e Sturgeon nas ruínas do sítio arqueológico da civilização Anasazi (900 a 1400 d.C.), localizado na região do Novo México. E também é uma tentativa de fusão entre alta terminologia obtida com computadores e energias primitivas. "High-tech para mim é um modo de transmitir a existência de árvores, pessoas e calor."

Procura Ancestral

Em **Nomads**, tudo parece ser apenas um jogo com as eternas jornadas juvenis das roads americanas. Sturgeon no carro, sombras e o canto de Quinn são parte da mesma referência (Travelin' down the road in another car/ same question, who you are?). No entanto, o ritual nas ruínas, a projeção das sombras sobre o deserto quebram os significados já gastos em qualquer comercial. As imagens computadorizadas

quase congeladas, quadro a quadro, e coloridas (com os computadores Mark II Image Processor e 2 Grass Computer), estão reproduzidas em quadros expostos no MIS.

Com a **Amiga Digi-Vue** (o programa usado é Deluxepaint II) Aysha congelou, movimentou deixando rastros ou simplificou as imagens expostas nos quadros que, nas paredes do MIS, reproduzem cenas do vídeo **Leaf Mask** (87), não incluso na mostra internacional.

Fifth Chamber Information (80), em apenas três minutos, sintetiza a proposta da videomaker. Sua filha Lyla observa uma caixa com um espelho em forma de coração incrustado. Sua imagem se funde com a de um índio. Em teorias metafísicas, fifth chamber é a quinta válvula do coração humano, responsável pelas lembranças e emoções. "A personagem Lyla se funde com o seu passado americano."

Aysha leva sua performance mais longe. **The Mutant** é parte de uma transmissão conjunta entre 400 TVs a cabo nos EUA. Com três projetores e chroma-key, ela e Sturgeon questionaram a banalidade cotidiana ante a tecnologia na instalação **No Eart/No Erth Station** (83).

A professora de arte dramática também é secretária às vezes, e possui seu próprio equipamento de vídeo — "o maior problema é pós-produção". Os projetos mais recentes: outro tape com artistas índios e um tango abstrato, "sem nenhuma dança ou música", ela diz.

A cozinha mínima

Não só Aysha está no Brasil para este festival. Curador de arte da The Kitchen (galeria de arte no Soho de Nova York transformada em quartel-general do minimalismo e do vídeo experimental), Daniel Minahan traz dois de seus vídeos: **The Hart Island Chronology**, documentário sobre a ilha com 130 acres de área e **Aesthetics and/or Transportation**. No primeiro trabalho, Minahan faz a cronologia da macabra Hart Island, ruína de misséis, cemitério de indigentes e receptáculo da parte oculta e não desejada da sociedade americana.

Cristina Iori



Aysha Quinn: a fusão lhe deu controle total sobre o trabalho.

CRÍTICA

Amadurecimento dificulta seleção

GABRIEL PRIOLLI

A qualidade técnica e a invetividade, articuladas num **timing** preciso, foram os critérios centrais que determinaram a escolha dos 35 vídeos que entram em competição esta noite, no Videobrasil. A comissão organizadora do festival (*) considera que o mercado da produção independente de vídeo está consolidado no País, criou laços com a televisão e a publicidade, e tem o respeito de todo o setor audiovisual. Portanto, já não cabe mais nenhuma indulgência ou paternalismo com as boas idéias mal resolvidas nem com as superproduções que não osam ir além do convencional. Competência é o mínimo que se exige, mas o que se premia é a criatividade.

Ao contrário do que se supunha, não foi fácil selecionar 35 vídeos entre 174 inscritos. O amadurecimento dos realizadores, tanto na bitola profissional U-Matic quanto na semiprofissional VHS, é nítido. Já não se faz mais vídeos convocando os amigos para uma brincadeira divertida e pedindo emprestada a casa do vovô. As produções têm, em sua maioria, um rigor profissional, há uma busca da melhor fotografia, de enquadramentos precisos, de interpretações sérias, e aperfeiçoou-se muito a noção de ritmo da edição, com trabalhos mais ágeis e enxutos. Mas os realizadores ainda não superaram a tendência ao modismo, que periodicamente elege temas e soluções formais como as "musas" da temporada.

Este ano, o racismo está à flor da pele, por influência do clima de revisão histórica do Centenário da Abolição, mas também — e especialmente — pela cornucópia de verbos públicas que o evento fez aparecer. Os realizadores que se aventuraram no tema escorregaram, em geral, na culpa e na ingenuidade, o que não houve com os dois únicos vídeos selecionados, o clip **Touche Pas A Mon Pote** e o documentário **Raça Negra**. Mas não foi apenas a praia de Gilberto Gil que os realizadores freqüentaram este ano. A de Fernando Gabeira também esteve lotada. Temos muita ecologia (O

Apocalypse em Goiânia, Aqua, Wai'á Xavante etc.) e muita preocupação com as minorias (perseguição aos homossexuais em **Temporada de Caça**, a luta feminista em **Nossas Vidas**). Para a pré-seleção, foram inscritos ainda alguns trabalhos de videomilitante, em geral feitos por grupos ligados ao PT e tematizando as invasões de terras. Mas nenhum atingiu resultados estéticos compatíveis com o ardor de seu engajamento — um defeito clássico nessa tendência do vídeo.

Outra vertente das preocupações com a habitação e o ambiente são os vídeos "bairristas", que inundam o festival. Os realizadores vasculharam o Bexiga, a Vila Madalena e a Vila Beatriz, em São Paulo, Ipanema e Copacabana, no Rio, quase sempre com vídeos-piloto de séries de TV sobre a paisagem urbana. Todos certinhos e interessantes, mas apenas um — **Copacabana** — transcende o guia turístico, para aventurar-se na mitologia do bairro. A propósito de mitos, aliás, vários deles foram devidamente homenageados neste Videobrasil: Tom Jobim, Drummond, Guimarães Rosa, Philip Glass, Brian Eno etc. **Mentiras & Humilhações**, sobre poema de Drummond, e **II Movimento de Abertura da Sinfonia Panamérica**, a partir da obra do poeta José Agripino de Paula, foram destaques dessa vertente. Mas a maioria ficou na peneira, presa nas boas intenções ou no mero narcisismo, como os auto-elogios cometidos pelos poetas Chacal e Jorge Salomão.

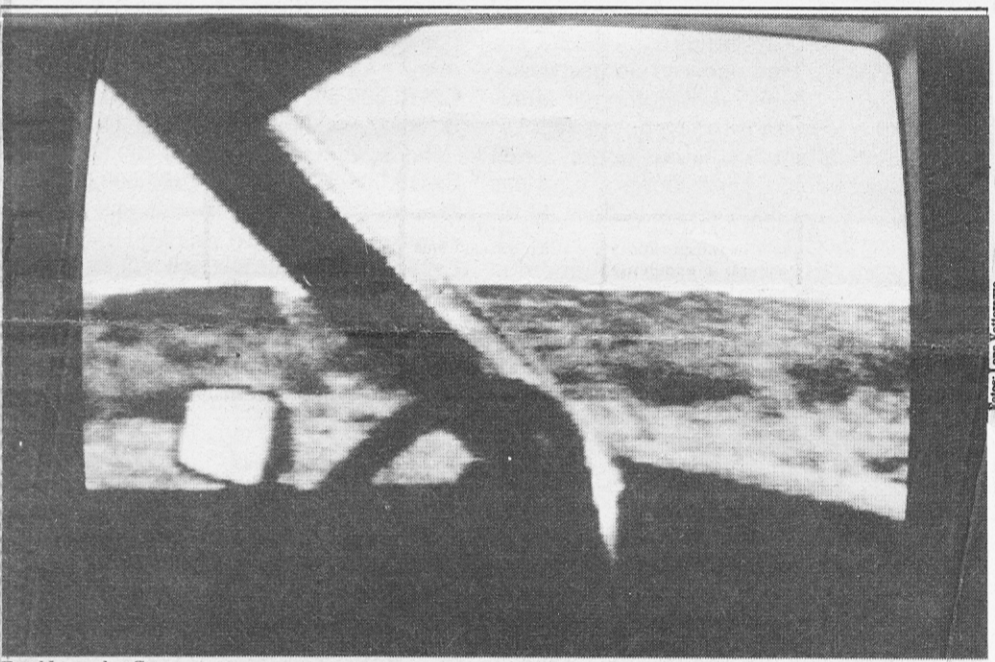
Os realizadores mostraram este ano uma ousadia bem maior do que nos festivais anteriores, ao mergulhar de cabeça e sem bóia na ficção. Cresceu muito o número de histórias de ficção, em contraste com a estagnação (inclusive formal) dos documentários. Na maior parte, são argumentos originais, contra umas poucas adaptações de obras literárias, o que demonstra segurança dos produtores. Angústia existencial, sufoco urbano, tédio e tesão reprimidos são os grandes temas dessas histórias, que

pendem muito mais para o drama do que para a comédia. Definitivamente, os **videomakers** não estão para gargalhadas. Mas seja na ficção ou no documentário, os trabalhos ainda gravitam muito em torno do umbigo de quem os faz. O vídeo e a televisão são referências tão onipresentes que chegam a entediarem.

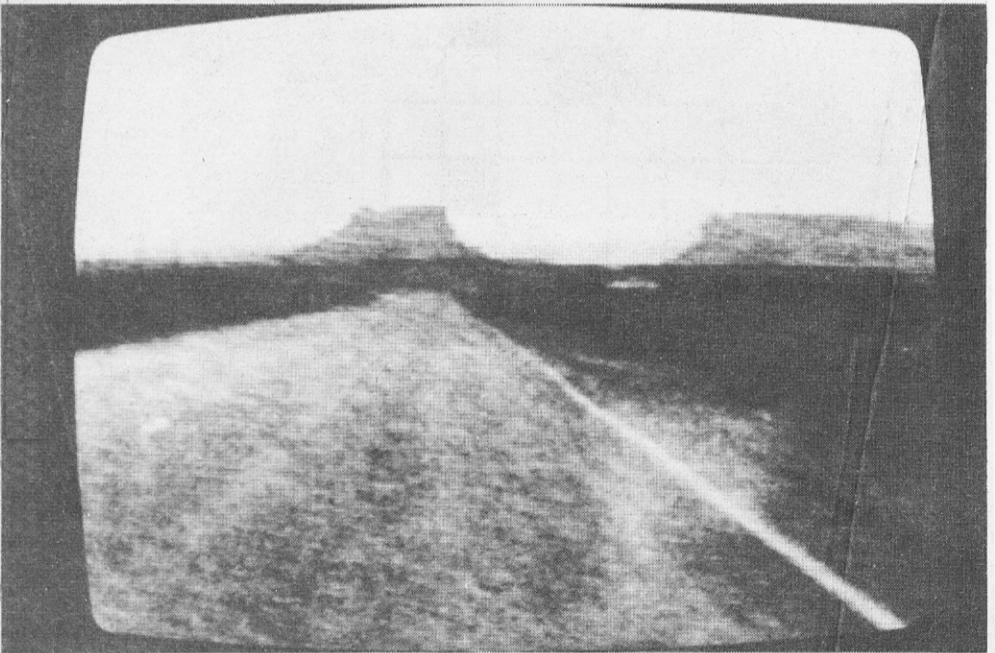
Há uma infinidade de outras coincidências nos 174 vídeos inscritos este ano, que explica muito do momento atual da produção e da cabeça dos realizadores. O saxofone, por exemplo, é de longe o instrumento musical preferido, entrando como trilha sonora ou mesmo personagem em vários trabalhos. A estética punk e a ficção científica continuam seduzindo as câmeras, a Aids já é o tema predominante no vídeo-empresarial e a documentação urbanística com vídeo está a todo vapor (os arquitetos compareceram em peso ao festival). Quanto à escola do realismo socialista, ou do populismo cecepeista, que há 30 anos persiste no cenário cultural, agora radicou-se em Brasília. Várias produções exaltando a nobreza do povo brasileiro vieram de lá.

Mas em meio a tantas convergências, há também grandes surpresas. **Duelo dos Deuses**, um devastador ataque à igreja eletrônica e sua mercantilização descarada, é uma delas. A outra é **Gente da Nossa Terra**, uma produção modesta do ABC paulista que traz ao vídeo o que o filme **Murvada Carne** trouxe ao cinema brasileiro: o frescor da vida caipira e seu universo mítico, contra o decadentismo chique da cidade grande. São duas amostras do que o vídeo pode produzir, quando rompe o círculo de ferro de suas próprias obsessões.

O crítico Gabriel Priolli participa da Comissão Organizadora do Videobrasil, junto com a jornalista Solange Oliveira, coordenadora geral, o jornalista e crítico Cláudio Odri, de O Estado de S.Paulo, o cineasta Zita Carvalhosa e o produtor Geraldo Anhaia Melo, ambos do Museu da Imagem e do Som.



Em **Nomads**, Sturgeon no carro...



...e as sombras sobre o deserto.

Uma noite de exibições no MIS

No auditório e em 80 monitores, vídeos da mostra competitiva.

Os vídeos a seguir, incluídos na mostra competitiva, serão exibidos hoje a partir das 20 horas, no auditório e em 80 monitores espalhados pelas dependências do MIS (av. Europa, 158).

Delusão, de Luana Carregari Carneiro (VHS, 12 min., experimental, SP). Utilização introspectiva do vídeo. Personagem onisciente sente-se consumido por uma imagem a meio caminho entre realidade e delusão.

Ora Bolhas, de Ruth Slinger/Via Vídeo (VHS, 6 min., experimental, SP). A performance do mímico espanhol Zambo, sonorizada por André Abujamra e integrantes do Luni.

Drop Out, da Cinematheque Produções (VHS, 8 min., experimental, RS). Ensaio sobre a percepção direta da luz.

Raça Negra, da Século Vídeo/CP-CE-UNB (U-Matic, 22m22s; documentário, Brasília). Comparação entre o trabalho negro durante a escravidão e nos dias de hoje.

II Movimento de Abertura da Sinfonia Panamérica, de Lucila Meirelles, Grima Grimaldi, Walter Silveira e Piche Martirani (U-Matic, 15 min., experimental,

SP). Nada a dizer: a sinopse descreve o vídeo como uma saga legendária, mítica, poética, afro-brasileira.

O Apocalipse em Goiânia, de Farouk Salomão (U-Matic, 6min.15seg., experimental, RJ). Leitura visual de um texto de Afonso Romano de Sant'Anna sobre o desastre radioativo em Goiânia.

Mentiras e Humilhações, da Emvídeo (U-Matic, 3min.30 seg., experimental, Belo Horizonte). Objetos e lembranças inúteis, comparáveis aos filmes super-8.

Música em Londres, da Conecta Vídeo e Guilherme Perez (U-Matic, 47 min., documentário, SP). Robert Smith, Nina Hagen, Amazulu, The Woodentops, em gravações ao vivo, além de depoimentos de diretores de gravadoras inglesas.

Mostra Internacional

A seleção internacional deste festival poderá ser vista a partir de hoje, às 17h30, em todos os andares do MIS.

Das Videoband Zur Documenta 8, de Wenzel Jacob (Alemanha).

The From, de Aysha Quinn (EUA).

Aesthetics and/or Transportation, de Daniel Minahan (EUA).